

Imigrantes

É duro partir para terra de outros e deixar a terra da gente. É que as fronteiras ainda conservam restos de farpas de arame! Que difícil é construir cidadanias com peças amovíveis num puzzle que se pretende dinâmico e esteticamente apetecível! Imigrante, para muitos, escreve-se com 'I' de Injustiça, de Ilusão, de Inadaptação, de Insegurança ... de Insucesso. Por exemplo, na América do Norte e noutras paragens, também começa com 'I' de Inglês, a barreira da língua.

As notícias de vida podem ser base de tratamento pedagógico para uma educação multicultural. Um estudante deixou de ir às aulas. Não era chuva, não era o frio, não era a doença, não era a necessidade de ajuda em casa. Era o medo! O medo de pagar mais no autocarro por não entender bem inglês e a mãe trabalhava que suava para lhe dar a escola. Um jovem não praticava desporto e gostava tanto da bola! Tinha jeito, tinha boa preparação física, mas tinha também vergonha. Troçavam dele porque não percebia nem se fazia perceber: de novo, a língua! E tinha tantos 'palpites' para dar! Estes medos e estas vergonhas ainda se vão esbatendo nas camadas mais jovens, o problema assume maior gravidade e desconforto na primeira geração que partira com vida (des)feita, com a sua cultura incorporada, mesmo que sofrida. É tudo tão diferente e, por via disso, poderia a integração ser de riqueza feita e de diversidade condimentada! Mas ainda não é. Não é por acaso que, agora no Velho Continente, é referida a necessidade do domínio de pelo menos uma língua para além da materna no Livro Branco da Comissão Europeia 'Teaching and learning in Towards the learning society' que considera este aspecto como um nível de qualidade, que contribui fortemente para facilitar a obtenção de um emprego e que facilita os contactos com outros na descoberta de mentalidades e culturas diferentes e estimula a agilidade intelectual.

Outra notícia: Rapazes e raparigas após um período de férias - um diz que não saiu; uma, com sorriso maroto, acrescenta 'coitadinho, ficou a ajudar a mãezinha, os homens não se querem em casa'; outras enrubesceram ciosas da sua condição de donas de casa mas, paradoxalmente, comentaram que arcam com o trabalho todo da casa, que os irmãos sumem-se porta fora. As adolescentes não sabem ao certo se preferem o homem que desfruta daquilo que a mulher lhe proporciona e lhe concede o privilégio de ser exclusivamente a mulher da casa ou aquele que, à moda dos estrangeiros, compartilha estas e outras responsabilidades. Para além do mais, assim se vai padronizando a identificação sexual tanto dos rapazes como das raparigas. Cada um terá de sentir-se seguro no seu próprio sexo, atendendo às condições que sustentam preferências e atracções. Embora tenham sido apontados pequenas (grandes) causas de insatisfação ou incómodo, num universo de população imensurável, não anuncio intervalo antes de referir o caso dos imigrantes que até dominam a oralidade mas não sabem escrever a nova língua, pelo que continuam a fruir da cultura de origem de forma fechada, vivendo sem conviver. Custoso e crisol de exclusão! Não é? Não deverá ser?

Iracema Santos Clara

Maio de 98 trinta anos depois do Maio de 68